

EUFRÁSIA E LUKÁCS
NO VALE DO CAFÉ



CONSELHO EDITORIAL DA LF EDITORIAL

Amílcar Pinto Martins - Universidade Aberta de Portugal

Arthur Belford Powell - Rutgers University, Newark, USA

Carlos Aldemir Farias da Silva - Universidade Federal do Pará

Emmánuel Lizcano Fernandes - UNED, Madri

Iran Abreu Mendes - Universidade Federal do Pará

José D'Assunção Barros - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Luis Radford - Universidade Laurentienne, Canadá

Manoel de Campos Almeida - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Maria Aparecida Viggiani Bicudo - Universidade Estadual Paulista - UNESP/
Rio Claro

Maria da Conceição Xavier de Almeida - Universidade Federal do Rio
Grande do Norte

Maria do Socorro de Sousa - Universidade Federal do Ceará

Maria Luisa Oliveras - Universidade de Granada, Espanha

Maria Marly de Oliveira - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Raquel Gonçalves-Maia - Universidade de Lisboa

Teresa Vergani - Universidade Aberta de Portugal

MIRIAN DE CARVALHO

EUFRÁSIA E LUKÁCS
NO VALE DO CAFÉ



2025

Copyright © 2025 da autora
1ª Edição

Direção editorial: Victor Pereira Marinho e José Roberto Marinho

Capa: Fabrício Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Mirian de
Eufrásia e Lukács no Vale do Café / Mirian de Carvalho. – São Paulo: LF Editorial, 2025.

Bibliografia.
ISBN 978-65-5563-520-1

1. Filosofia 2. Lukács, Gyorgy, 1885-1971 - Crítica e interpretação 3. Pensamento humano I. Título.

24-242365

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:
1. Filosofia 100

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.

Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



EDITORIAL

LF Editorial

www.livrariadafisica.com.br

www.lfeditorial.com.br

(11) 2648-6666 | Loja do Instituto de Física da USP

(11) 3936-3413 | Editora

SUMÁRIO



PREFÁCIO de Marcelo Mari	7
--------------------------------	---

MEU CAMINHO PARA O VALE DO CAFÉ.....	15
--------------------------------------	----

PARTE I: A FORMA NO PENSAMENTO DE LUKÁCS

1. O DINAMISMO DA FORMA	33
1.1. A ALMA E A OBRA.....	39
1.2. A FILOSOFIA E A OBRA ROMANESCA.....	43
1.3. O ROMANCE HISTÓRICO E A FORMA	58
1.4. LUKÁCS E A ESTÉTICA MARXISTA.....	70
1.5. A FORMA NA GRANDE <i>ESTÉTICA</i> DE LUKÁCS.....	73

PARTE II: A FORMA NO ROMANCE DE LUIZA LOBO

2. OS COMPONENTES DA FORMA	83
2.1. DO REFLEXO ESTÉTICO	90
2.2. DA PARTICULARIDADE.....	102
2.3. DA NARRADORA	113
2.3.1. DO TEMPO EM FÁBRICA DE MENTIRAS	118

PARTE III: O ESPAÇO E O TEMPO NO VALE DO CAFÉ	
3. CONTORNOS ESPAÇOTEMPORAIS NA FICÇÃO.....	131
3.1. DOS FRAGMENTOS ESPACIAIS TOTALIZANTES...	135
3.2. DOS FRAGMENTOS TEMPORAIS TOTALIZANTES...	150
PARTE IV: A ESCRITA E OS RECURSOS ESTILÍSTICOS	
4. OS ESPAÇOS SOCIAIS	159
4.1. DO REALISMO	165
4.2. DA NARRATIVA	185
4.3. DA <i>POIESIS</i>	186
4.4. DA LINGUAGEM	192
4.5. DA IRONIA	201
4.6. DO SÍMBOLO	206
PARTE V: A FICÇÃO E A HISTÓRIA	
5. A FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE	219
5.1. DA TRAMA	224
5.2. DOS PERSONAGENS	236
5.3. DO TRABALHO	245
5.4. DA LIBERDADE	251
5.5. DA VIVÊNCIA E DA EMPATIA	255
5.6. DA FÁBRICA DE MENTIRAS	257
BIBLIOGRAFIA	263

REALISMO CRÍTICO: AUTONOMIA ARTÍSTICA VERSUS REALIDADE?



No presente livro *Eufrásia e Lukács no Vale do Café*, Mirian de Carvalho apresenta de modo magistral a atualidade do pensamento marxista para análise não somente das complexidades da sociedade brasileira, mas também da cena internacional, a partir de romance histórico de Luiza Lobo, intitulado *Fábrica de mentiras: Eufrásia, do Vale do Café ao Arco do Triunfo*, publicado pela editora Batel em 2024¹. Conforme explica Carvalho, o livro de Lobo foi resultado de revisão bibliográfica relativa à temática da obra, além de pesquisas de campo sobre a cidade de Vassouras no interior do Rio de Janeiro e coleta de depoimentos sobre a região do Vale do Café. Temas centrais no romance histórico de Lobo são a economia agrária baseada no trabalho escravo e a condição da mulher. Na narrativa, evidenciam-se questões atinentes à economia agrária no mundo escravista, bem como enfoques do feminino representado por Eufrásia Teixeira Leite naquela sociedade patriarcal, do final do século XIX até os anos de 1970.

Para análise do romance, Carvalho valeu-se de um conjunto de conceitos que mobilizam a teoria estética lukacsiana, tais como: forma, particularidade, tipicidade, reflexo estético e função social da arte. Não se trata de uma operacionalização de conceitos para demonstrar a funcionalidade do romance,

1 Em 2022, publicado pela 7Letras com o seguinte título: *Fábrica de mentiras: do Vale do Café ao Arco do Triunfo*.

muito pelo contrário, a teoria lukacsiana interpreta o romance tomando como base as contradições da sociedade marcada pelos antagonismos de classe, pela manutenção dos aparelhos ideológicos e do próprio modo de produção de espoliação. Não se trata de operacionalização pois existe em Lukács, por extensão na argumentação de Carvalho, a consciência da autonomia da literatura. Ora, a consciência da autonomia da literatura separa a compreensão crítica de Carvalho, muito bem acompanhada de Lukács, da visão redutora do reflexo estético como mera duplicidade da realidade.

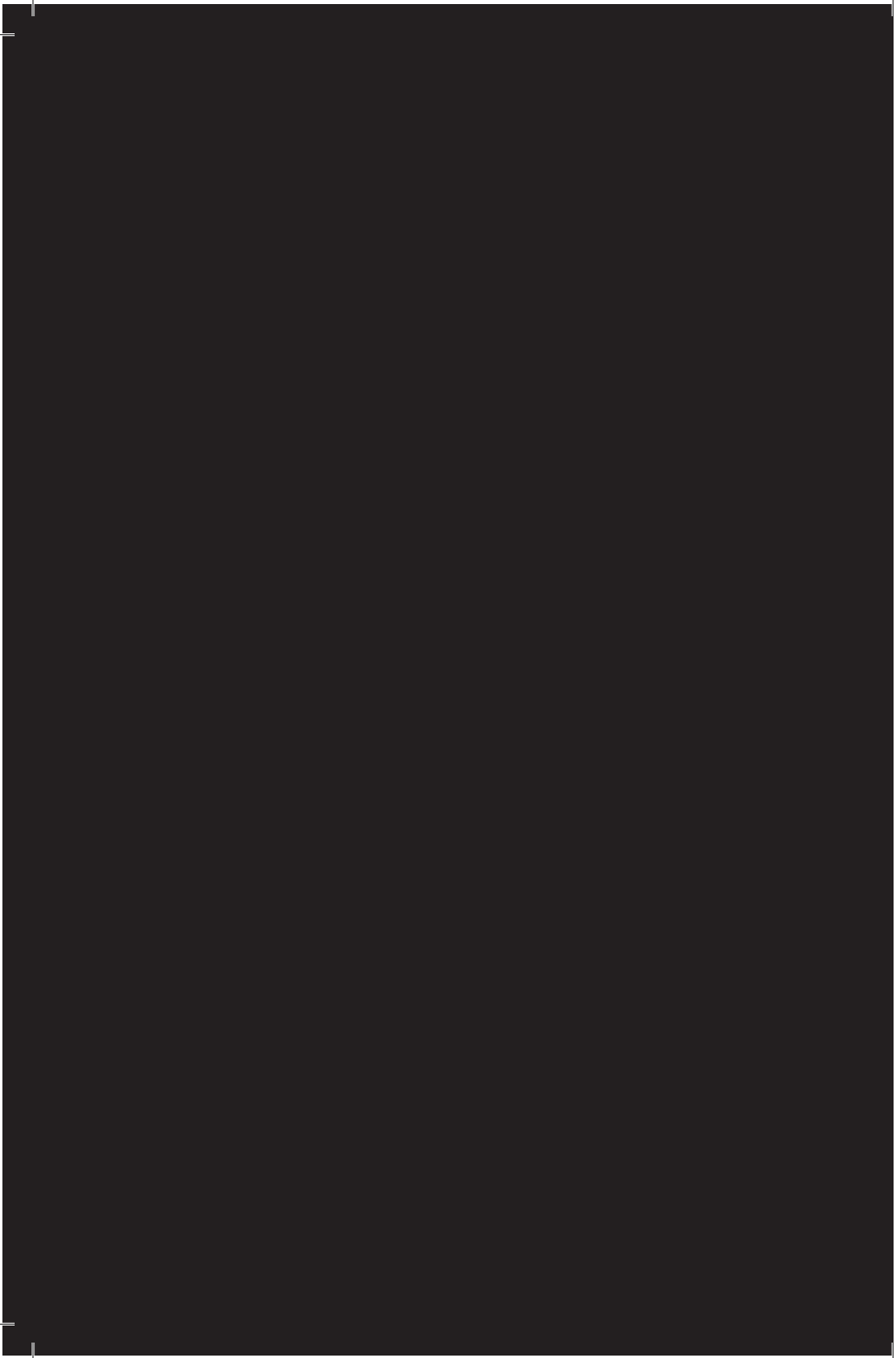
Aqui estamos longe da verificação do funcionamento de um conjunto de conceitos aplicados ao objeto literário. Sendo assim, a crítica de Carvalho ilumina a obra de Lobo que por sua vez oferece um conhecimento privilegiado da realidade em oposição aos mecanismos sociais de naturalização das contradições e de alienação da consciência individual e coletiva. Para isso, Carvalho se vale da definição da arte como reflexo crítico da realidade? No sentido de que, a arte pode cumprir função social emancipatória ao desvelar antagonismos sociais de classe? A questão principal é justamente saber se o lugar da arte é o lugar do reflexo ou do reflexo crítico da realidade. De que modo a literatura apresenta o real? Ou ainda: a arte por sua condição seria ao mesmo tempo apresentação de momento subjetivo e objetivo da realidade? Essas questões são centrais no livro e merecem ampla explicação de Mirian de Carvalho. Salvo melhor juízo, ela destaca que a relação entre realidade e ficção não é linear, especialmente no romance histórico, onde os dados históricos são transfigurados por meio de procedimentos estéticos.

Pode-se dizer que *Eufrásia e Lukács no Vale do Café* de Mirian de Carvalho não apenas ilumina a obra de Luiza Lobo, mas reafirma a atualidade do pensamento de Lukács, demonstrando que a teoria marxista oferece ferramentas valiosas para decifrar as complexidades e contradições de antanho e da sociedade contemporânea.

Marcelo Mari

Doutor em Filosofia pela USP

Professor Associado / UNB



Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...

Castro Alves



De existir
E te pensando foi subindo a lua
E vivendo meu instante fui te vendo
Da minha vida cada vez mais perto.
A ideia, Túlio, redonda, esboçada
Em azul, em ocre e sépia
Era a tua vida em mim, circunvolvida.

Hilda Hilst



MEU CAMINHO PARA O VALE DO CAFÉ



Autora de textos literários diversificados em vários gêneros, Luiza Lobo trouxe ao público em 2022 o romance histórico intitulado *FÁBRICA DE MENTIRAS: DO VALE DO CAFÉ AO ARCO DO TRIUNFO*, que na sua segunda edição, revista em 2024, ganhou uma alteração no subtítulo – *FÁBRICA DE MENTIRAS: EUFRÁSIA, DO VALE DO CAFÉ AO ARCO DO TRIUNFO*². Para desenvolver a narrativa romanesca e a trama, além da revisão bibliográfica relativa à temática da obra, a autora realizou pesquisa de campo, em que registrou informações sobre o Ciclo do Café na cidade de Vassouras, e colheu depoimentos de pessoas residentes e ou conhecedoras daquela região. De posse do volumoso acervo dos dados coletados nos vários procedimentos da pesquisa, a romancista selecionou parte desse material e transformou os referenciais históricos numa rede de sincronias e convergências estéticas implícitas ao referido romance. Porém considerei fundamental à elaboração desse romance a menção feita por Luiza Lobo, no prefácio, aos relatos de uma tia que, na infância da autora, lhe desenhou a saga do Vale do Café.

Minha visitação ao Vale do Café iniciou-se com a leitura da obra romanesca de Luiza Lobo, em paralelo à releitura de algumas obras de György Lukács, filósofo cujas ideias estéticas venho estudando há alguns anos. Numa relação direta com o

2 Ver BIBLIOGRAFIA.

romance em pauta, consultei vários escritos de Lukács, uma vez que, em minha visita ao Vale do Café, encontrei, nas sendas entreabertas por *FÁBRICA DE MENTIRAS: EUFRÁSIA, DO VALE DO CAFÉ AO ARCO DO TRIUNFO*, uma irretocável apreensão daquele momento histórico, por meio do *reflexo estético* e da *particularidade* inscritos na *forma* dessa obra. Analisados exhaustivamente por Lukács no campo do romance e, em muitos aspectos, numa abrangência das outras artes, esses tópicos foram enfocados por mim na análise da referida obra.

Numa visão sintética, pode ser dito que o reflexo estético configura-se como processo intrínseco à literariedade da escrita, em que o autor conduz à obra menções a fatos pertinentes ao mundo empírico e ou *referências históricas*, tal como é próprio do romance histórico, por meio de ângulos próprios e exclusivos do fazer artístico. Quanto à particularidade, trata-se de uma categoria que se define pela criatividade do autor ao trazer à obra, de modo original e inédito, a inscrição de algo concebido numa visão própria, inclusive por meio da imaginação ou até por meio das figurações do fantástico. Pode ser dito que, no tocante à criação de um romance, o autor gera a forma e o conteúdo por meio da reunião e da interação dos vários componentes característicos de uma dada obra. A forma revela-se objetivação, porém não se atrela exclusivamente à orientação de um sujeito, visto que de modo fundamental é também pertinente ao contexto histórico.

Assim sendo, delinee sob o ângulo estético a dinâmica e a interação dos componentes da forma cabíveis ao referido romance de autoria de Luiza Lobo, com vistas a uma unidade.

Para dar continuidade a este estudo, posto que tendo centralizado a fundamentação nas ideias lukacsianas, escolhi também outras trilhas concernentes, em especial, à poética e ao símbolo. Visto que Lukács elaborou uma teoria do romance no tocante ao *século XIX*, visito outros autores, cujas ideias se coadunam com a temática em pauta e, no que concerne ao pensamento lukacsiano, apresento várias *licenças autorais* para elucidar questões em torno do meu percurso em direção ao Vale do Café – quanto ao romance do *século XXI* –, no tocante a essa obra de Luiza Lobo. Mas, desde já, acrescento que não é simples a compreensão dos processos articuladores das artes com o mundo objetivo e com a história. A ficção abrange elos entre o *real* e a obra, por isso o entendimento do reflexo estético torna-se campo minado de dificuldades.

Tais elos se tornam ainda mais complexos no romance histórico, que se apoia em referenciais aceitos como verídicos, para levar à obra episódios relacionados a consequências sociais transpostas à narrativa e ao enredo por meio da ficção. No campo ficcional, emergem nesse gênero literário diferentes problemáticas que se transformam através dos tempos, entre características próprias de cada período, de cada continente, de cada país, de cada autor e de determinada obra. Ao abranger todas as expressões artísticas, torna-se bastante difícil a compreensão do reflexo estético, uma vez que alcança múltiplas sutilezas em cada uma das artes, passando da técnica à obra construída e objetivada. Neste MEU CAMINHO PARA O VALE DO CAFÉ, mencionada a problemática que abarca a compreensão e as diferenças entre o real e a arte, valho-me primeiramente de um viés jocoso, para em seguida abordar as

questões teóricas ao longo deste estudo quanto à passagem da história à ficção.

De modo descontraído, recorro então ao humor, ao voltar-me para o cotidiano vivido por mim em vários momentos das atividades profissionais. Para iniciar, recorro ao “óbvio ululante”, que tanto marcou a fala e despertou a atenção de Nelson Rodrigues, para apontar para o óbvio, que às vezes não se faz óbvio para todos. Então relembro casos que passo a narrar, por terem relação com a temática no tocante aos elos entre o *mundo* empírico e o plano estético. Acentuo que, no terreno das artes visuais, em particular nas instâncias da pintura e do desenho, ocorrem também enganos correspondentes àqueles que circundam as várias formas literárias. São frequentes esses enganos, até mesmo da parte de especialistas no campo das artes.

Um conhecido crítico de arte escreveu um texto com clara intenção de refutar um escrito assinado por mim no catálogo de uma exposição, no qual, *concordando* com Gaston Bachelard, afirmei ser a cor a matéria da pintura. Preso à temática dos quadros expostos, o referido personagem, num lastro de sapiência, enfatizou apenas as cenas figuradas pelo pintor e esqueceu-se do colorido próprio e adequado às obras daquela mostra. Não notou o efeito causado pelo intenso contraste entre cores frias e quentes, não percebeu o acentuado efeito das cores puras escolhidas pelo pintor, cujas pincelas imprimiam às telas efeitos vibrantes, e até dramáticos, adequados a uma tensa luta entre vigorosos pugilistas. Para entender *que Bachelard não estava errado*, bastaria que o famoso crítico imaginasse aquelas cenas pictóricas nos suaves tons pastéis do azul e rosa bebê.

O efeito seria grotesco: uma verdadeira paródia da temática. Trata-se até de uma questão técnica, antes de definir-se como questão de estética.

Passo a outro exemplo, anedótico por certo, mas verdadeiro quanto aos jocosos fatos que já presenciei em diferentes mostras de pintura. Conta-se que certo visitante de uma exposição de Matisse, diante de uma figura feminina retratada num quadro, pôs-se a resmungar. Por estar sozinho, e meio tenso, o tal senhor aumentou o tom da voz como que desejoso que alguém o ouvisse e se dispusesse à confirmação de seus conhecimentos: “O rosto da moça não podia ter essa cor, isso não é real; o decote do vestido está torto; o pescoço da mulher está longo demais” etc. Presente à mostra, e tendo ouvido tais comentários, o pintor não se conteve: “Não se trata de uma mulher, mas de um quadro.”

Observações similares percorrem a literatura e, em maior escala, direcionam-se ao romance histórico. Diante de tais dificuldades sobre a realidade objetiva, sobre os dados históricos, sobre a realidade da obra e, tendo lido em paralelo o romance de Luiza Lobo e várias obras de Lukács, alguns perguntarão: por que revisitar e enfatizar, neste escrito sobre um romance do século XXI, o pensamento de um filósofo que, além de não considerar relevante o papel das vanguardas do século XX e, dedicando-se ao estudo do romance europeu produzido no século XIX, considerou autêntico só o período que vai até 1848, o qual denominou clássico? A esse questionamento, respondendo: tal escolha fundamenta-se em vários motivos essenciais ao estudo do romance hoje. Passemos a esses motivos.

Em virtude do cerne ontológico, os princípios teóricos e metodológicos lukacsianos permitem extensões e ensejam atualizações quanto ao preenchimento das categorias e noções adequadas ao estudo das várias expressões artísticas hodiernas. Em conformidade com as premissas que embasam tais asserções formuladas por Lukács, suas ideias – ainda que ele não o tenha feito – podem igualmente ser transpostas ao entendimento e à valoração das vanguardas históricas e de muitas obras literárias surgidas no século XX, século em que viveu a maior parte da vida e, com base nos seus princípios estético-filosóficos, há alguns pressupostos que podem ser trazidos ao século XXI, com destaque na esfera do romance histórico, ao qual o filósofo dedicou uma importante obra.

Ao revisitar vários de seus escritos, ponho em destaque o fato de ter ele dado continuidade a seus trabalhos, sempre em busca da peculiaridade do estético, com ênfase no rastreamento do caminho libertário dos humanos através da arte. Diante dessa postura ético-filosófica, pode ser depreendida de suas ideias uma adesão a um tópico singular, que foi objeto de análise neste ensaio: trata-se da função social da arte³ no sentido emancipatório. Com base nessa trilha, em minha leitura das obras de Lukács identifiquei desde seus primeiros escritos sutilezas na abordagem dos elos entre o sujeito e o objeto, entre a obra e o mundo, entre o histórico e o ficcional, a caminho da consciência da história sem perder de vista a cisão entre o eu e o mundo.

Seu último escrito, *Para uma ontologia do ser social*, permite a aproximação de conteúdos éticos e estéticos, dando

3 Ver SUMÁRIO. Parte V: 5. A FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE.